

DE L'IMPERFECTION: PRÁTICAS E GÊNEROS EDITORIAIS

DE L'IMPERFECTION: EDITORIAL PRACTICES AND GENRES

Patricia Veronica MOREIRA¹

Jean Cristtus PORTELA²

Resumo: Este artigo investiga como as edições brasileiras de *Da imperfeição* (2002, 2017) operam uma mudança de gênero editorial e reconfiguram a prática de leitura originalmente proposta por Algirdas Julien Greimas, em *De l'imperfection* (1987). A análise parte de três níveis de pertinência (texto-enunciado; objeto-suporte; prática), segundo o modelo de Jacques Fontanille (2008), dialogando com as noções de gênero (Fontanille, 1999b) e paratextos (Genette, 2009). Entende-se que, ao inserir prefácios, notas e um aparato crítico, as edições brasileiras transitam do estatuto de obra-arte (ou ainda "ensaio" poético) para um ensaio científico disciplinar, orientando o leitor (enunciatário) para uma leitura competencializada. Assim, o trabalho editorial opera uma atualização da obra no campo semiótico e acadêmico, trazendo contribuições para os pesquisadores brasileiros.

Palavras-chave: Semiótica discursiva. Prática editorial. Gênero. Paratexto. Tradução crítica.

1 Professora da Prefeitura de Araraquara (CEPEDE, SME)/Professora Substituta da Unesp (Universidade Estadual Paulista). E-mail: patricia.moreira@unesp.br

2 Professor Associado da Unesp (Universidade Estadual Paulista). E-mail: jean.portela@unesp.br

Abstract: This paper investigates how the Brazilian editions of *De l'imperfection* (2002, 2017) operate a semiotic genre shift. It also examines how it reconfigures the reading practice originally proposed by Algirdas Julien Greimas in the *De l'imperfection* (1987). The analysis is based on three levels of relevance: text-enunciation, object-support, and practice. This follows Jacques Fontanille's model (2008), engaging with the notions of genre (Fontanille, 1999b) and paratexts (Genette, 2009). It is understood that the Brazilian editions, by inserting prefaces, notes, and a critical apparatus, transition from the status of a work of art (or even a poetic "essay") to that of a scientific disciplinary essay. They guide the reader toward a competence-based reading. Thus, the editorial work updates the existing work in the semiotic and academic fields, contributing to the advancement of Brazilian research.

Keywords: Semiotics of discourse. Editorial practice. Genre. Paratext. Critical translation.

| Sobre o sensível

Entre continuidades e rupturas na história da semiótica francesa, o sensível aparece desde o seu início (Moreira, 2019). Na obra *Sémantique Structurale* (1966), essa questão surge com um contorno mais científico e entendido por Algirdas Julien Greimas por meio "[...] [d]a percepção como o lugar não-linguístico onde se situa a apreensão da significação" (Greimas, 1966, p. 8, tradução própria³), evidenciando, desta forma, sua preferência epistemológica pela fenomenologia merleau-pontiana, predileção sentida também, segundo Greimas, nas ciências humanas do século XX (Moreira, 2019).

Contudo, para muitos semioticistas, o sensível teve sua verdadeira "retomada" na obra *Da Imperfeição*, publicada em 1987, trazendo novamente a fenomenologia de Merleau-Ponty como referência, instaurando uma "ruptura" metodológica na semiótica greimasiana. Ao longo de sua trajetória, a semiótica greimasiana passou de um modelo considerado "predominantemente" estrutural para uma perspectiva que inclui a experiência sensível e o corpo como dimensões constitutivas do sentido (Moreira, 2019). O semioticista Jacques Fontanille (1995, 2006) identifica essa mudança como uma virada sensível, marcada pelo interesse na percepção, na afetividade e na presença. Nessa direção, Éric Landowski (2004) também aponta o deslocamento de uma semiótica centrada no texto para uma semiótica das situações e da experiência. Assim, entendemos que a tensão entre o sensível e o inteligível torna-se um eixo retrospectivo da própria disciplina⁴.

Percebemos em *De l'imperfection* que o sensível surge na superfície do texto de uma forma mais intensa e menos impregnada pelo discurso científico; pois o autor se permitiu uma "liberdade ensaística" (literária) para demonstrar a possibilidade de uma abordagem

3 Trecho original: "La perception comme le lieu non linguistique où se situe l'appréhension de la signification".

4 Cf.: Para maiores informações sobre a questão do sensível na semiótica discursiva, ler Moreira (2019).

semiótica orientada pela experiência estésica, ou seja, como a experiência estética ocorre no encontro entre sujeito e objeto, permitindo pesquisas na área (Landowski, 2004, p. 39).

Contudo, vale ressaltar o que entendemos por sensível, do ponto de vista da semiótica discursiva, neste trabalho. De forma geral, o sensível decorre da experiência que o sujeito tem com o corpo, antes mesmo de o sentido tornar-se sentido. Retomando Fontanille (2008), já no início de sua obra, o autor destaca que o nosso corpo é aquilo que liga o modo como estamos presentes no mundo (o *habitus*) às ações da enunciação (práxis enunciativa) (Fontanille, 2008, p. 3). Dito isso, entende-se que, do ponto de vista da semiótica, o sentido emerge tanto das estruturas linguageiras quanto do modo como sentimos, percebemos, somos afetados e afetamos nas práticas cotidianas. Por isso, Fontanille entende que as práticas estésicas se corporificam antes mesmo de o discurso se tornar “estável” (Fontanille, 1999a). Dessa forma, o sensível e o inteligível não seriam opostos, mas o primeiro abre para a experiência, e o segundo torna-a estável, permitindo a interpretação do sentido. Os dois seriam, portanto, pensando na metáfora da folha de Saussure, a frente e o verso inseparáveis na/da significação.

Retomando o ensaio de Greimas (1987), a mobilização sensível causada pela obra tem como principal resultado a “fratura” na prática de leitura do livro, convocando o enunciatário a uma experiência estética e estésica (Moreira, 2019) na apreensão e na interpretação de sentido do texto. Essa fratura gera um estranhamento provocado pelo enunciado-enunciado, rompendo com o discurso científico erigido pela disciplina, tal é a situação da semiótica. Esse efeito se torna latente, ao considerarmos, ao mesmo tempo, a versão-fonte (francesa) e a versão traduzida para o português que objetiva “remediar” tal “fratura” com paratextos, antes e depois do texto original, competencializando⁵ o leitor brasileiro a ler a obra de Greimas e assegurando, ao mesmo tempo, o próprio valor científico da obra em si.

Assim, a hipótese que este artigo propõe é que houve uma mudança na prática de leitura decorrida de uma mudança de gênero nas edições brasileiras. Portanto, o problema aqui posto se orienta em responder: como a prática editorial das traduções brasileiras constitui uma mudança de gênero semiótico e define uma nova prática de leitura? Para respondê-la, articulam-se três eixos teóricos: os níveis de pertinência da análise semiótica de Fontanille (2008); a teoria dos gêneros (Fontanille, 1999b; Portela; Schwartzmann, 2012); e a noção de paratexto (Genette, 2009).

Entende-se aqui gênero semiótico como uma forma cultural que articula os níveis de pertinência da análise semiótica (Fontanille, 2008, p. 65-70), em especial os níveis dos textos-enunciados, dos objetos-suporte e das cenas práticas. Essa noção permitirá observar de que maneira a reformulação editorial interfere no modo de leitura. Na

⁵ Usa-se aqui o termo “competencializar” no sentido greimasiano de dotar o sujeito de competência modal para a leitura (Greimas, 1983).

sequência, apresentamos os princípios de análise do gênero sob o viés da semiótica discursiva.

| O gênero na semiótica – princípios de análise

Segundo Jean Cristtus Portela e Matheux Nogueira Schwartzmann (2012), o conceito de gênero aparece, em linhas gerais, na semiótica discursiva, nos anos 1970, tanto na obra de Maupassant: *La sémiotique du texte, exercices pratiques* (1976), de Greimas, quanto no *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1979), de Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés. O tema é retomado apenas em 1999, por Fontanille, na obra *Sémiotique et littérature*, cujos princípios utilizaremos neste artigo para analisar o *Da imperfeição*, em sua versão original e nas versões brasileiras.

Partimos da reflexão de que, segundo Fontanille (1999b), os gêneros mudam em decorrência de alguns fatores, entre os quais se destacam as classificações que variam de uma época para outra, conforme a cultura e a própria evolução dos princípios em si. Cada gênero é constituído pela articulação entre um tipo discursivo e um tipo textual, cujas isotopias geradas possuem propriedades textuais e discursivas que, de acordo com Fontanille (1999b, p. 162), são tratadas em termos de coerência, coesão e congruência – o primeiro define o texto, o segundo o discurso e o terceiro a reunião dos dois. Segundo Portela e Schwartzmann (2012), cada um desses aspectos organiza, de modo específico, ora o texto, ora o discurso, ou ambos.

A coesão dá conta apenas da organização das sequências de um texto e dos processos que organizam e hierarquizam os segmentos textuais (cujos exemplos seriam o paralelismo, as simetrias, as intercalações, os parágrafos, as rimas). A coerência aponta para a intencionalidade do discurso, que indica a existência de um único universo de sentido, mesmo que existam outras possíveis leituras (no caso de uma pluri-isotopia). Ou seja, a coerência torna evidente um sentido que é apreendido globalmente, mesmo que se tenha a impressão de que não há homogeneidade na sua significação. Já a congruência seria uma forma de vestígio da enunciação, pois é na instância de enunciação que são reunidos os tipos de texto e discurso. A congruência, portanto, sendo responsável pelo efeito global de totalidade de sentido, permite que se superponham diversos domínios de pertinência em uma dada semiótica-objeto, já que é uma espécie de tradução que amalgama e “resolve” as heterogeneidades dos tipos textual e discursivo (Portela; Schwartzmann, 2012, p. 76).

Dessa forma, tendo em vista a coerência, a coesão e a congruência, o gênero é definido segundo cinco categorias estabelecidas por Fontanille, indicando como podemos analisar semioticamente determinado texto ao estabelecer seu gênero:

1. Por sua extensão relativa e o tempo de sua enunciação; 2. Por sua forma aberta ou fechada, do ponto de vista da produção, da edição e da leitura; 3.

Pelas dominantes modais da enunciação, os atos de linguagem e as relações intersubjetivas que implica; 4. Pelos valores que aceita e coloca em circulação, e as condições requeridas para este fazer; 5. Pelos tipos discursivos “nômades” e complementares que tolera (Fontanille, 1999b, p. 168, tradução própria)⁶.

Os princípios relativos aos tipos textuais remetem-nos ao plano da expressão e às suas constantes, cuja coesão é garantida pela organização entre as partes e o todo. Dessa forma, o primeiro princípio estabelecido por Fontanille (1999b, p. 163) define-se pela combinação dos aspectos longo/breve e aberto/fechado, constituindo quatro possíveis tipos textuais, conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro 1 – Tipos Textuais

<u>Tipos Textuais</u>	Longo	Breve	Regra sociocultural relativa ao tempo interno da enunciação, na escrita, quanto à duração da história
<i>Aberto</i>	Recursividade (Telenovela, poema épico, etc.)	Fragmentação (Cartas, memórias, etc.)	<i>Relação entre unidade de leitura e edição</i>
<i>Fechado</i>	Desdobramento (Peça teatral, conto, etc.)	Concentração (Máxima, soneto, etc.)	

Fonte: Adaptado de *Sémiotique et Littérature* (Fontanille, 1999b, p. 163)

Por outro lado, segundo Fontanille (1999b, p. 164), os tipos discursivos remetem ao plano do conteúdo, segundo dois critérios: as modalidades da enunciação e das axiologias e das formas de avaliação. Segundo Portela e Schwartzmann (2012, p. 79):

O primeiro leva em conta os contratos entre os sujeitos da enunciação, os tipos de atos de linguagem e as modalizações dominantes do ponto de vista pragmático. O segundo lança luz sobre os tipos de valores propostos e as condições de sua atualização e conhecimento no discurso.

Assim, Fontanille (1999b) estabelece como as modalidades podem definir os atos de linguagem. Ao propor quatro tipos de discursos – incitativos, persuasivos, de habilitação e de realização –, o autor destaca que a modalidade dominante é capaz de definir os

6 No original: « Par sa longueur relative et le tempo de son énonciation ; 2. Par sa forme ouverte ou fermée, du point de vue de la production, de l'édition et de la lecture ; 3. Par les dominantes modales de l'énonciation, les actes de langage et les relations intersubjectives qu'il implique ; 4. Par les valeurs qu'il accepte et qu'il met en circulation, et les conditions requises pour ce faire ; 5. Par les types discursifs « nomades » et complémentaires qu'il tolère ».

subtipos de discurso. Por exemplo, ele observa que, no interior de um discurso incitativo, se o dever é predominante, então estamos diante de um discurso prescritivo; e o mesmo ocorre com os demais tipos (Fontanille, 1999b, p. 165). A segunda tipologia remete, portanto, à intensidade de adesão aos valores e à extensidade, isto é, ao número de suas manifestações, que Fontanille delimita da seguinte forma:

Quadro 2 – Valores e intensidade de adesão dos discursos e gêneros

Intensidade de adesão		
Forte		Fraco
Extensão e Quantidade	Valores exclusivos (Discurso moralista, militar, etc.)	Valores discretos (Gêneros humorísticos, teatro do absurdo, etc.)
	Valores participativos (Romance sentimental, discurso romanesco, etc.)	Valores difusos (Gêneros realistas, etc.)

Fonte: Adaptado de *Sémiotique et Littérature* (Fontanille, 1999b, p. 167)

Temos, assim, uma primeira proposta de análise dos gêneros pela semiótica no nível do texto-enunciado, cuja noção será posteriormente ampliada a outros níveis de pertinência da análise – por exemplo, os níveis dos objetos-suporte e das práticas –, desenvolvida pelo próprio Fontanille (2008), em *Pratiques sémiotiques*. Nessa obra, o autor propõe os níveis de pertinência da análise semiótica que se organizam hierarquicamente em: signos, textos-enunciados, objetos-suporte, cenas práticas, estratégias e formas de vida. Dentre esses níveis, interessam-nos especialmente aqueles voltados à análise dos gêneros, que, segundo Fontanille (2008, p. 65-70), compreendem os textos-objetos, os objetos-suporte e as cenas práticas, conforme demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 3 – Níveis de pertinência para análise de gêneros

Textos-enunciados	Gêneros	Propriedades textuais genéricas
Objetos-suporte	Tipo do suporte formal	Propriedades morfológicas genéricas
Cenas práticas	Tipo de prática	Instruções de exploração

Fonte: Traduzido da obra *Pratiques Sémiotiques* (Fontanille, 2008, p. 67)

Os gêneros são comparados apenas entre si, a partir da relação que estabelecem entre o texto e a prática, o que permite compreender as instruções de leitura e de manuseio próprias a cada um. Fontanille (2008) explica que os gêneros, entendidos como fatos culturais, orientam tanto a produção quanto a interpretação dos textos, pois suas propriedades textuais funcionam como gatilhos que se desdobram em instruções práticas, definindo o tipo de prática adequada ao gênero.

Esses conceitos sobre os gêneros (tipos textuais e tipos discursivos) e os níveis de pertinência de análise semiótica (texto-objeto, objeto-suporte e prática), articulam-se ao de *paratexto*, proposto por Gérard Genette (2009), que amplia a compreensão do texto ao considerar os elementos que o acompanham e o apresentam ao leitor. Para o autor,

Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que, em todo caso, o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais amplo: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro (Genette, 2009, p. 9).

A seguir, com base nos princípios de Fontanille (1999b, 2008) e Genette (2009), passamos à análise comparativa entre as edições de *De l'imperfection*. Mostramos como a prática editorial das traduções brasileiras de *De l'imperfection* (2002, 2017) projetou uma nova prática de leitura da obra.

| Análise da edição brasileira *De l'imperfection*

Iniciamos a análise com uma descrição estrutural da obra *De l'imperfection*, traduzida para o português em 2002. O livro foi traduzido e prefaciado por Ana Claudia de Oliveira, publicado pela Editora Hacker (São Paulo), e enriquecido com apresentações de outras edições estrangeiras de *De l'imperfection*: a *Introdução* de Paolo Fabbri, traduzida do francês para o italiano por Gianfranco Marrone, publicada pela Editora Sellerio (Palermo) em 1988; a *Apresentação* de Raúl Dorra, traduzida do francês para o espanhol pelo próprio autor, publicada pela Editora Fondo de Cultura Económica, em parceria com a Universidad Autónoma de Puebla (México), em 1990; e a *Apresentação* de Eric Landowski à coletânea *Semiótica, estesis, estética*, publicada pelas Editoras Educ-UAP (São Paulo–Puebla) em 1999.

A estrutura do livro, composta por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, interessa-nos porque nos oferece um *saber-fazer*, isto é, indica como devemos manipular a obra. Após o “Índice”, encontramos uma página capitular intitulada “*Préfacio*” e, na sequência, o prefácio de Ana Cláudia de Oliveira. Em seguida, há outra página capitular com o título do livro, o que revela que essas páginas, ao mesmo tempo em que integram a estrutura da obra, também delimitam, de modo visual e material, o que “faz parte” ou não da edição original (Genette, 2009). Na sequência, temos o miolo do livro, idêntico ao da edição francesa – da dedicatória ao epílogo. Logo após a dedicatória (*Para – e com – Tereza*), aparece, em itálico, o prólogo intitulado “*Todo parecer é imperfeito*”, presente apenas no índice, tanto da edição brasileira quanto da edição francesa.

Duas páginas capitulares marcam a passagem entre dois momentos da obra: “A fratura” e “As escapatórias”. Na primeira parte, “A fratura”, Greimas a subdivide em cinco capítulos – *O deslumbramento*, *O guizzo*, *O odor de jasmim*, *A cor da obscuridade* e *Uma mão, uma face* –, cada um correspondente à análise de uma obra literária: *Vendredi ou les limbes du Pacifique*, de Michel Tournier; *Palomar*, de Italo Calvino; *Übung am Klavier*, de Rainer Maria Rilke; *Éloge de l’ombre*, de Tanizaki Junichiro; e *Continuidad de los parques*, de Julio Cortázar. Cada título remete a uma fratura – isto é, uma descontinuidade que irrompe no cotidiano contínuo do sujeito e do objeto nas narrativas –, produzindo um efeito de sentido estético em cada texto selecionado, por meio da experiência estética vivida no mundo. Essa perspectiva aproxima-se da fenomenologia merleau-pontiana, pois, como explica Oliveira (2002, p. 11), o autor “examina a possibilidade de a experiência estética ser produzida por arranjos e rearranjos das coisas simples que fazem parte do nosso viver rotineiro”.

Na segunda parte, “As escapatórias”, o autor a subdivide em três capítulos – *Imanência do sensível*, *Uma estética exaurida* e *A espera do inesperado* –, nos quais discute, ao longo do fio narrativo, o que são estética e estésis, a imanência do sensível pela imperfeição, o cotidiano e a insignificância e, por fim, a inserção, no próprio cotidiano, de breves fraturas: momentos de reencontro entre sujeito e objeto, proporcionados pelo próprio sujeito. Para o fechamento da obra, estabelece-se um paralelismo com o pensamento inicial exposto no prólogo, com o epílogo intitulado “*Querer dizer o indizível*”, seguido das apresentações de *De l’imperfection* por Paolo Fabbri, Raúl Dorra e Eric Landowski, que habilitam o enunciário brasileiro a compreender mais amplamente a obra. A edição brasileira encerra-se com uma nota bio-bibliográfica sobre Greimas.

Por outro lado, a segunda edição brasileira, publicada em 2017 e também traduzida por Ana Cláudia de Oliveira, apresenta um novo prefácio intitulado “*Da imperfeição, 30 anos depois*” e desloca o prefácio de 2002 para a posição de posfácio.

Trazemos, então, o cotejamento entre as edições brasileiras e francesa para discutir nossa hipótese de que a prática editorial ressignifica a prática de leitura. Observa-se que, quanto ao tipo textual, ambas as edições apresentam a propriedade de desdobramento, caracterizada por uma duração mais longa do que é enunciado e pela ligação entre as unidades de edição e de leitura.

Quadro 4 – Tipos textuais

<i>De l’imperfection</i> (Edições francesa e brasileiras)	Longo	Breve
Aberto	recursividade	fragmentação
Fechado	desdobramento	concentração

Fonte: Elaboração própria

No ensaio *De l'imperfection*, Greimas apresenta suas ideias, críticas e reflexões sobre a experiência estética na figuratividade dos textos e no cotidiano. Trata-se, portanto, de um discurso de habilitação, pois, segundo Fontanille (1999b, p. 165, grifo do autor, tradução própria), “[...] o saber caracteriza os discursos informativos (para o saber) e os discursos de aprendizagem (para o saber-fazer) [...]”. O mesmo ocorre com os paratextos introduzidos na edição brasileira, cujo propósito é habilitar o enunciatário a um *saber-fazer*.

Quadro 5 – Tipos Discursivos – Modalidades da Enunciação

Atos de linguagem				
Modalizações	Assumir e Aderir	Querer e Dever	<u>Saber e Poder</u>	Ser e fazer
Atos de linguagem	Persuasivo	Incitativo	<u>De habilitação</u>	De realização

Fonte: Elaboração própria

No entanto, é no campo das axiologias e das formas de avaliação (ver Quadro 6) que se encontra uma diferença marcante entre uma edição e outra. Os valores presentes no original francês são participativos, pois valorizam a ênfase da perspectiva semiótica sobre o fato estético. Em outras palavras, privilegia-se, de um lado, a ciência (a semiótica) e, de outro, o fato estético (a apreensão em si mesma), de modo amplo e intenso, uma vez que o objeto-suporte manifesta essas propriedades. Exemplo disso é que o livro anuncia no verso da contra-página de rosto a impressão de cinquenta exemplares especiais numerados impressos em papel tecido da famosa marca Van Gelder, o que reforça sua raridade como objeto, característica presente mesmo nas edições não numeradas, feitas em papel de extrema qualidade, marca registrada da editora Pierre Fanlac⁷. A prática editorial, portanto, enuncia a raridade do objeto, dimensão objetal do texto que se perde na edição brasileira.

Além da raridade, a obra configura-se como um objeto estético – uma verdadeira obra de arte –, já que sua forma apresenta dimensões quadradas, capa dura e textura, características incomuns em publicações científicas, muito acentuadas pela Pierre Fanlac, mas constitutiva dessa edição em específico. Esses aspectos convidam o leitor a apreciar a obra desde o primeiro toque: o livro em si é uma experiência estética, do invólucro ao miolo (conteúdo), diferentes gramaturas e texturas se apresentam, proporcionando uma leitura sinestésica do fato estético. Nota-se, assim, uma evidente

⁷ Pensamos aqui em *Les formes de l’empreinte*, de J.-M. Floch (1986), publicado por Pierre Fanlac meses antes de *De l’imperfection*, exatamente no mesmo formato e com identidade visual diferente, mas próxima na sobriedade, e com miolo impresso numa espécie de papel couchê fosco, que destaca perfeitamente as fotografias analisadas.

preocupação em fazer com que o livro se tornasse, ele próprio, um objeto de fruição (ver imagem 1).

Imagem 1 – Edições comparativas de *De l'imperfection* 1987, 2002 e 2017



Fonte: Greimas (1987, 2002, 2017)

Com as traduções, o objeto artístico assume um papel de habilitação no ensaio, uma vez que a obra original rompe – ou fratura – o percurso esperado, enquanto a edição brasileira busca reconduzir a leitura aos eixos, oferecendo contribuições aos semioticistas diante de uma obra de tamanha complexidade.

Dessa forma, pode-se afirmar que o discurso científico presente nos paratextos das edições brasileiras revela valores difusos, de natureza mais ampla (ver Quadro 6). As edições brasileiras constituem, assim, uma construção elaborada pela prática editorial, que enuncia, por meio do objeto-suporte e dos novos enunciados, como se faz ciência no Brasil e qual é o *dever-ser* de uma obra científica. Até mesmo as capas refletem certa sobriedade em comparação à edição francesa, como descrito anteriormente, configurando um livro que trata do fato estético e o reproduz em sua própria materialidade objetual.

Quadro 6 – Axiologias e formas de avaliação

Intensidade de adesão			
		Forte	Fraco
Extensão e quantidade	Restrito →	<i>valores exclusivos</i>	<i>valores discretos</i>
	Ampla →	<u>valores participativos</u> (De l'imperfection)	<u>valores difusos</u> (Da imperfeição)

Fonte: Elaboração própria

Considerando os três níveis de pertinência de análise semiótica (Fontanille, 2008) em relação à análise do gênero, podemos, primeiramente, refletir sobre o conceito de ensaio tal como dicionarizado. Segundo o Dicionário Aurélio (1999, p. 765): “Ensaio². [Do fr. *essai* < lat. tard. *exagiu*.] S.m. Lit. Obra literária em prosa, analítica ou interpretativa, sobre determinado assunto, porém menos aprofundada e/ou menor que um tratado formal e acabado.”

Trata-se, portanto, de um gênero que conjuga reflexão e experimentação (“Felicidade e jogo lhe são essenciais”, diria Adorno (2003, p. 17)), características que dialogam diretamente com a proposta de Greimas. Como explica Raúl Dorra (2002, p. 121),

De l'imperfection – publicado em 1987, em Périgueux – foi concebido por seu autor como um objeto estético, “lentamente elaborado”, que evocasse “os dispêndios da arte em vez das privações do fazer científico”. A intenção de Greimas era afastar-se momentaneamente do rigor da cátedra para retornar aos “velhos amores”: a palavra poética, o gesto artístico, o cotidiano sensível e as promessas da arte.

Entretanto, a prática editorial das traduções modifica substancialmente a prática de leitura, pois alia-se a outro tipo de prática – a acadêmica –, acompanhada de um novo prefácio de abertura e acrescida de paratextos provenientes de outras edições e autores. Essa configuração modaliza diferentemente o enunciatário, orientando-o sobre como a obra deve ser lida e interpretada. Assim, as três edições estabelecem protocolos de leitura distintos, evidenciando que a prática editorial de cada uma delas engendra uma nova prática de leitura e, portanto, um novo gênero. Observe a seguir a apresentação de três quadros dos ensaios de *De l'imperfection* escolhidos para este trabalho:

Quadro 7 – Planos de imanência de *De l'imperfection* 1987

Planos de imanência		
Textos-enunciados	O Ensaio <i>De l'imperfection</i> 1987	Desdobramento Textual, discurso de habilitação (o saber), e valores participativos
Objeto-suporte	Livro	99 páginas, edição brochura, marcações editoriais com paginação capitular que ao mesmo tempo identificam as partes do livro e “alongam” a leitura
Cenas práticas	Prática editorial estetizante	A leitura de objeto científico como objeto de arte

Fonte: Moreira (2019)

Os planos de imanência do ensaio *De l'imperfection* (Greimas, 1987) permitem identificar que, em todas as edições (ver Quadros 8 e 9), o texto-enunciado se organiza como *ensaio de desdobramento*, cuja leitura exige um tempo prolongado e interpretativo. No entanto, enquanto na edição-fonte o desdobramento apresenta ao enunciatório uma leitura estésica e estética (sensível), como fomos salientando ao longo deste texto.

Por outro lado, observamos que as edições brasileiras (2002, 2017), ao acrescentarem prefácios, introduções e notas explicativas, os paratextos, reconfiguram o desdobramento em uma experiência de leitura guiada (mais inteligível). O mesmo tipo textual é mantido, mas o seu modo de recepção pelo leitor é alterado, o que sinaliza uma mudança de gênero dentro do mesmo regime textual.

O ensaio *Da imperfeição* (Greimas, 2002, 2017), por sua vez, coloca em evidência a mudança modal e axiológica entre as edições (ver Quadros 4, 5 e 6). A obra-fonte mobiliza valores participativos, que convidam o leitor a experimentar o sensível sem mediação. Nas edições brasileiras, porém, o acréscimo de paratextos desloca o discurso para um regime de habilitação e prescrição, produzindo valores difusos, próprios da circulação acadêmica, científica. O leitor deixa de ser convocado a experimentar o sensível e passa a ser orientado sobre como fazê-lo, configurando uma competencialização do enunciatório.

Quadro 8 – Planos de imanência de *Da Imperfeição* 2002

Planos de imanência		
Textos-enunciados	O Ensaio <i>Da Imperfeição</i> (2002)	Desdobramento Textual, discurso de habilitação (o saber) e incitativo (prescrição) e valores difusos
Objetos-suporte	Livro	160 páginas, edição brochura, marcações editoriais com paginação capitular que ao mesmo tempo identificam as partes do livro e “alongam” a leitura (com elementos pré-textuais e textuais extras)
Cenas práticas	Prática editorial acadêmica	A leitura pela perspectiva da academia/ciência

Fonte: Elaboração própria

Quadro 9 – Planos de imanência de *Da Imperfeição* 2017

Planos de imanência		
Textos-enunciados	O Ensaio <i>Da Imperfeição</i> , 2ª Edição (2017)	Desdobramento Textual, discurso de habilitação (o saber) e incitativo (prescrição) e valores difusos
Objetos-suporte	Livro	176 páginas, edição brochura, marcações editoriais com paginação capitular que ao mesmo tempo identificam as partes do livro e “alongam” a leitura (com elementos pré-textuais e textuais extras)
Cenas práticas	Prática editorial acadêmica (reedição comemorativa)	A leitura pela perspectiva da academia/ciência

Fonte: Elaboração própria

A transformação do gênero só se “completa” quando cotejamos o texto-enunciado no interior da prática editorial. Na edição-fonte, o objeto-suporte tem características de obra de arte, e a cena prática é a da exploração estética, como analisamos ao longo deste trabalho. Já nas edições de chegada (brasileiras), o objeto-suporte assume o formato de livro acadêmico, e a cena prática torna-se a da leitura científica, orientada por protocolos que legitimam essa prática. A mudança de gênero, portanto, não está alocada só no texto, mas se realiza na relação entre materialidade, circulação e instruções de uso.

| Considerações finais

O gênero, enquanto categoria semiótica, oferece instruções sobre como o texto deve ser lido e interpretado. No caso de *De l'imperfection*, o gênero ensaístico-poético, ao ser traduzido e reeditado para o português, sofreu uma transformação significativa em seu modo de leitura. A inserção dos prefácios nas edições brasileiras cumpre a função de instruir o leitor, colocando a obra em perspectiva e contextualizando-a. Esses paratextos assumem características de uma obra de referência, na medida em que *competencializam* o leitor por meio de um discurso de habilitação, orientando o modo de apreensão e de interpretação do texto.

Na versão original, há uma ênfase sobre o fato estético dentro da própria semiótica, valorizando, de forma ampla e intensa, a convergência entre o científico e o sensível. Com as traduções, a inclusão de novos paratextos, o objeto artístico dá lugar a um objeto essencialmente científico, consolidando a recepção da obra em um contexto acadêmico.

Os tipos textuais e discursivos se modificam, portanto, em função dos paratextos, produtos de uma prática editorial que propõe uma nova prática de leitura. O *invólucro*

muda, a materialidade se transforma e a própria apresentação do enunciado passa a refletir o tipo de mercado editorial e o perfil de tradutores envolvidos na produção da obra.

Pelo viés semiótico, o objeto-livro diz sobre o *fazer ciência* no Brasil e revela contrastes entre o campo editorial brasileiro e o francês. Assim, a prática editorial das traduções brasileiras de *De l'imperfection* não apenas reconfigura o gênero do texto, mas também inaugura uma nova prática de leitura, marcada por um discurso de legitimação científica e por uma função pedagógica na recepção da obra.

Essa transformação tem relevância na difusão teórica do pensamento greimasiano, pois reposiciona *De l'imperfection* dentro do circuito acadêmico brasileiro, contribuindo para debates que envolvem a leitura semiótica do estético, assim como ocorreu com as discussões entre Claude Lévi-Strauss e Vladimir Iakovlevich Propp sobre a articulação entre estrutura e sentido na narrativa pela recepção de sua obra pelo antropólogo via tradução estadunidense, que se permitiu interpretações enviesadas pela tradução feita (Moreira, 2019, p. 45). Assim, concluímos que a prática editorial não apenas medeia o acesso ao texto, mas participa ativamente da construção do seu lugar epistemológico, definindo o que pode e/ou deve ser visto e como deve ser visto em um determinado campo. No caso de *De l'imperfection*, as traduções brasileiras oferecem ao enunciatário não apenas um vislumbre, mas um percurso: um modo de acessar, de permanecer e de interpretar, conforme os protocolos de leitura que a própria edição enuncia.

Referências

- ADORNO, Th. W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Th. W. *Notas de literatura I*. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 15-45.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FLOCH, J.-M. *Les formes de l'empreinte*. Périgueux: Fanlac, 1986.
- FONTANILLE, J. Modes du sensible et syntaxe figurative. *Nouveaux Actes Sémiotiques*, Limoges: PULIM, n. 61-62-63, p. 1-68, 1999a.
- FONTANILLE, J. *Sémiotique et littérature*. Essais de méthode. Paris: Presses Universitaires de France, 1999b.
- FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural*. Tradução Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.

GREIMAS, A. J. *Du sens II*. Paris: Seuil, 1983.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage I*. Paris: HACHETTE, 1979.

GREIMAS, A. J. *De l'imperfection*. Périgueux: Fanlac, 1987.

GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Tradução Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Tradução Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

LANDOWSKI, E. *Passions sans nom. Essais de socio-sémiotique III*. Presses Universitaires de France, 2004.

MOREIRA, P. V. *A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica*. 2019, 285 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2019.

OLIVEIRA, A. C. Prefácio. In: GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Tradução Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PORTELA, J. C.; SCHWARTZMANN, M. N. A noção de gênero em semiótica. In: PORTELA, J. C.; BEVIDAS, W.; LOPES, I. C.; SCHWARTZMANN, M. N. A. (org.). *Semiótica: Identidades e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SCHWARTZMANN, M. N. *Cartas marcadas: prática epistolar e formas de vida na correspondência de Mário de Sá-Carneiro*. 2009. 293p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2009.

Como citar este trabalho:

MOREIRA, Patricia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. *De L'imperfection: práticas e gêneros editoriais*. CASA: *Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 219-233, dez. 2025. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em “dia/mês/ano”. <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v18i2.20617>.